



## HORTAS URBANAS E CIDADANIA: O INÍCIO DE UM PROCESSO NA CIDADE DE PELOTAS – RS

Gabriela Corrêa Rodríguez<sup>1</sup>  
Laís Bronzi Rocha<sup>2</sup>  
Pedro de Moura Alves<sup>3</sup>  
Samuel Moreira Silveira Fernandes<sup>4</sup>  
Giovana Mendes de Oliveira<sup>5</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Milton Santos (1997), quando periodiza o espaço geográfico como a passagem do meio natural ao técnico científico-informacional, enfatiza que neste processo o ser humano deixou de viver nos interstícios da natureza e de deixá-la nos interstícios da sociedade humana, passando a artificializar a mesma, o que permite entender um pouco dos problemas ambientais e sociais que vivemos hoje. Nós criamos um espaço geográfico que buscou nos tornar independentes da natureza, ou seja, nos afastamos, vencemos (ou pensamos que sim), mas pouco a pouco vemos que nos afastamos de nós mesmos. Contudo somos natureza e podemos retornar a um caminho onde natureza e sociedade possa coexistir, sendo, portanto, nessa perspectiva que surge este trabalho, no qual se discute a cidadania e a questão ambiental na cidade.

A cidade que hoje é lócus de todos, é também o maior símbolo desta artificialização e da distância entre seres humanos e natureza. É na cidade em que o esgoto, a poluição da água, os resíduos sólidos mostram o quanto a natureza está maltratada, mas também maltratadas estão boa parte das pessoas que vivem em habitações precárias, sofrem sem ter empregos e comem mal ou não comem. A cidade que artificializou e excluiu a natureza produziu um espaço geográfico no qual as desigualdades sociais são latentes, e é nesta cidade que possui tantos problemas sociais, que são também ambientais, que se deve pensar em alternativas para que o direito à cidade seja a sua urbanidade voltada para uma racionalidade ambiental e de cidadania.

---

<sup>1</sup> Graduanda. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: gabirodriguez96@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: gnomosial@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: mooura@live.com

<sup>4</sup> Graduando. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: samuca-kun@hotmail.com

<sup>5</sup> Doutora. Universidade Federal de Pelotas. PPGeo-UFPEL. E-mail: geoliveira.ufpel@gmail.com



# V SEMPGEO

## Seminário do Programa de Pós-graduação em Geografia

### Resistência e Resiliência do Fazer Geográfico

2018

Portanto, dentro desta perspectiva o artigo discute as hortas urbanas, como forma de resgate/construção da cidadania, que contribua para construção de uma racionalidade que proporcione os direitos de todos. Sendo o objetivo central do trabalho analisar a partir dos trabalhos de Milton Santos, Carlos Walter, Liszt Vieira, Michel Thiollent, entre outros, os limites e possibilidades das hortas urbanas na comunidade pelotense, no estado Rio Grande do Sul, para construção de uma sustentabilidade urbana que se traduza a um direito para todos.

## **2 METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa que se utiliza da metodologia de pesquisa ação, na medida em que os pesquisadores planejam, participam e analisam a produção das hortas com a comunidade. Essa metodologia se caracteriza por ser um tipo de “pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” (THIOLLENT, 1986) no qual os pesquisadores se envolvem de maneira cooperativa ou participativa. A pesquisa se ancora em um projeto de extensão que existe desde 2017, o qual incentiva a produção de hortas urbanas na cidade, esse projeto está em fase inicial e o que apresentamos aqui são resultados preliminares de experiência com as hortas da UBS Osório e Cohab Tablada em Pelotas-RS.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **3.1 REFLEXÕES SOBRE A CIDADANIA E O DIREITO À NATUREZA**

Segundo a constituição brasileira “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum ao povo e essencial à sadia qualidade da vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (art 225). O cidadão luta pelo reconhecimento dos seus direitos, no intuito de impô-los quando não são respeitados.

É imprescindível que haja uma análise e interpretação da natureza da sociedade em que vivemos, para assim saber o que precisa ser modificado, melhorado e adaptado, para que os problemas existentes pelos descuidos com a natureza sejam amenizados. O modo de produção capitalista tem enorme papel perante a situação em que o meio ambiente se encontra, onde a natureza atua somente como ferramenta e matéria prima para o trabalho da sociedade, assim perdendo sua importância de ser a geradora da vida no planeta Terra, e passando a ser apenas um meio de obter lucro (GONÇALVES, 1989).



# V SEMPGEO

## Seminário do Programa de Pós-graduação em Geografia

### Resistência e Resiliência do Fazer Geográfico

2018

Segundo Vieira (1998) a cidadania pode ser compreendida como a práxis para assegurar a conquista e o exercício de direitos, ou seja, é uma definição em que o cidadão “passa a ter o direito de ter direitos” (VIEIRA, 1998, p. 29). Porém quanto o assunto é natureza o objeto trata-se de um bem coletivo impossível de ser dividido, portanto a cidadania ambiental não pode ser vista como possuidores de um direito individual ou dos ecologistas, e sim da sociedade como um todo, visto que “o meio ambiente se configura como um direito difuso” (PINSKY, 2005, p. 546).

Contudo, é possível perceber que as referências a natureza se dão geralmente em uma visão não-urbana, o que nos afasta da responsabilidade de exercer a cidadania ambiental, porém os maiores problemas ambientais provém das cidades e aglomerações urbanas. (PINSKY, 2005). Com o aumento da preocupação ecológica passa a ser percebida que o equilíbrio do ambiente propicia uma maior qualidade de vida, e assim o direito a natureza passa a ser uma questão de cidadania.

### **3.2 O PROJETO HORTAS URBANAS COMO RESGATE DA CIDADANIA**

Em agosto de 2017 iniciou-se um Projeto de extensão denominado de hortas urbanas, resultado de frequentes discussões nas disciplinas de Geografia Urbana, Planejamento Urbano e de Geografia Econômica, onde se discute, e por vezes condena, os rumos tomados pela sociedade, e as consequências da falta de entendimento de que o espaço geográfico é fruto das relações do homem com a natureza. Portanto resolvemos sair da teoria e ir para a prática, buscando fomentar as Hortas Urbanas na cidade de Pelotas. Trata-se de um projeto interdisciplinar, o qual já obteve vários parceiros como a Embrapa, o curso de Agronomia, o curso de Gastronomia, e a Unidade Básica de Saúde citada.

A proposta é construir Hortas Urbanas orgânicas, em espaços comunitários para a população em geral, ainda que o foco seja comunidades mais carentes. Além das hortas, se constrói atividades que visam, a partir das hortas, incentivar outro modo de vida que se afastem da relação capitalista que vivemos e busquem uma sociedade mais sustentável. Assim, se incentiva consumo de alimentos orgânicos, uso de ervas medicinais, redução do consumo e busca de uma relação social mais comunitária.

O trabalho inicia quando encontramos uma comunidade que deseja cultivar uma horta. Como primeira interação realizamos o ‘Geocinema’, que é a exibição de filmes ligados ao tema natureza e espaço, e finalizamos com debates. Além dos filmes, fazemos o



# V SEMPGEO

## Seminário do Programa de Pós-graduação em Geografia

### Resistência e Resiliência do Fazer Geográfico

2018

preparo da terra para plantação e planejamos a organização de oficinas para auxiliar no cultivo, discutir como será feita a divisão dos produtos resultantes da horta, oficinas sobre plantas medicinais e gastronomia.

Em 2017 foi incentivada a horta da UBS General Osório, a qual fica em uma comunidade carente, com muitas casas de ocupações irregulares, onde se necessita bastante do poder público para a reprodução da vida, visto que muitos estão desempregados. A horta foi apoiada integralmente pela equipe do posto, assistente social, enfermeira, dentista, médico, agentes de saúde e funcionários do posto. E como não conseguimos cercar o terreno para a realização da horta, optou-se por fazer canteiros organizados pela equipe do projeto junto com os moradores, nos quais plantamos chás e verduras. Foi decidido que a horta seria para aqueles que trabalhassem na mesma, bem como para uso do posto, inclusive como receituário dos profissionais que ali atuam. No final do ano entregamos os canteiros para a comunidade, porém houve durante os meses de férias de janeiro e fevereiro uma troca de comando no posto, o que desarticulou nossa participação. Entretanto observamos que ela está sendo utilizada, ainda que precariamente, e estamos em tratativas com o grupo que assumiu o posto para retomar o projeto.

No início de 2018 fomentamos a horta na Associação Comunitária da Cohab Tablada, que se situa na Rua Visconde de Pelotas - Bairro Cohab Tablada na cidade de Pelotas, a iniciativa veio da comunidade junto a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura-PREC. A comunidade fica na periferia de Pelotas e trata-se de um grupo de maior poder aquisitivo, composto de senhoras e senhores frequentadores da associação de moradores do bairro, a qual possui recursos para implementar o projeto, e ainda contamos com um maior apoio da universidade. O destino dos produtos da horta ainda não está claramente definido, mas elas têm falado em venda dos produtos para comunidade a fim de melhorar a associação, utilização em sopão para necessitados e também o uso por aqueles que trabalham na horta. Neste momento a horta está em fase de plantio, tendo sido realizada uma oficina de confecção de mudas, planejada uma de plantas medicinais e uma saída de campo para visita de uma plantação de ervas medicinais na área rural de Pelotas.

O processo de realização das hortas não é algo simples, pois lidamos com um ambiente que não é preparado para receber plantação, seja porque o concreto predomina, porque os insumos necessários para agricultura não estão facilmente disponíveis, ou porque a população envolvida não tem o domínio das técnicas agrícolas e confiam no uso de



# V SEMPGEO

## Seminário do Programa de Pós-graduação em Geografia

### Resistência e Resiliência do Fazer Geográfico

2018

insumos químicos. Ainda que seja uma proposta do projeto fugir do consumismo, usar materiais recicláveis e o mais natural possível, sempre nos deparamos com o “ter que comprar”. Desta forma, temos uma série de dificuldades em cercar, em arar, em conseguir terra, em conseguir mudas, em fazer compostagem, e acima de tudo em não comprar.

Por outro lado é possível verificar que plantar horta é sempre visto com bons olhos, quando nos colocamos em tarefas práticas, como pregar caixotes para fazer a sustentação da horta, buscar terra com carrinho de mão de uma área verde, carregar plantas, regar, montar compostagem, todos participam e gostam, o que traz um sentimento positivo tanto para comunidade como para os docentes e discentes que participam do projeto. É interessante observar que plantar verduras e chás sempre faz com que os participantes do Projeto remontem ao passado, coisas que seus pais, avós faziam, e que não se valoriza hoje, bem como percebam de uma maneira bem direta o quanto é possível ter uma maior qualidade de vida através da natureza e promover com as próprias mãos uma cidade mais sustentável e para todos.

O saber que trazemos da universidade, sempre é bem-vindo, e a construção da sociabilidade permite que a troca destes saberes aconteça gradativamente, o que mostra que o saber está em todos, e que a troca deve acontecer sem preconceitos para que a sociedade avance e seja lócus de todos.

#### 4 CONCLUSÕES

O Projeto que apresentamos ainda é jovem e possui poucos frutos, mas hoje nos permite dizer que ao construirmos as hortas estamos resgatando algo muito especial para quem participa que envolve sociabilidade, reflexão e valorização de um modo de vida onde é possível fugir do consumismo e resgatar o direito a uma cidade sustentável para todos. Podemos afirmar que as hortas tem uma função social que permite a utilização do espaço por todos, ou seja, é um símbolo singelo de que o desenvolvimento da cidadania é possível e propicia qualidade de vida a todos.

#### REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2006. 148 p.



# V SEMPGEO

## Seminário do Programa de Pós-graduação em Geografia

---

### Resistência e Resiliência do Fazer Geográfico

2018

PINKSY, Jaime; PINKSY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da cidadania**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. 591 p.

SANTOS, Milton. **Técnica espaço e tempo**. Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo Hucitec , 1997.176 p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e política ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 1998. 171 p.